

Rumo às estações

Livres das pressões do imediato, os estudiosos de História voltam o foco para fatos distanciados no tempo, enquanto a sociedade tende a ser examinada não no conjunto mas no particular

Wilson Coutinho

Em 1974, os franceses receberam uma péssima notícia: não podiam mais escrever teses sobre Descartes, porque todos os temas que se poderia extrair da obra do mais popular filósofo do país já tinham sido estudados, empilhando-se uns nos outros, de modo que só um gênio poderia revelar algo de novo sobre o autor de **Discurso sobre o método**. Em 1988, há uma boa notícia para os brasileiros: o estruturalismo, que fazia os leitores bocejarem e os professores se comportarem como redatores de abstrusas bulas médicas, está morto e enterrado, deixando, apenas, a idéia de que sua aparição nas cátedras brasileiras foi um mal da moda.

Às vezes, cômico. Na década de 70, o carnavalesco

Joãozinho

Trinta sofreu

ao ler uma

tese em que

se fazia a

análise

estrutural da

escola de

samba

Beija-Flor. No

espírito da

época, o

texto vinha

sobrecarrega-

do de

diagramas,

números e

esquemas.

Comentário

de Joãozinho

Trinta:

"Como é que

se pode

analisar

estrutural-

mente o vôo

de um

beija-flor?"

Segundo o

que os

mestrandos e

doutorandos

estão

apresentando

este ano

como teses a

serem

defendidas

nas principais

universidades

brasileiras,

não só o

estruturalismo

deixou de

frequentar a

cabeça dos

futuros

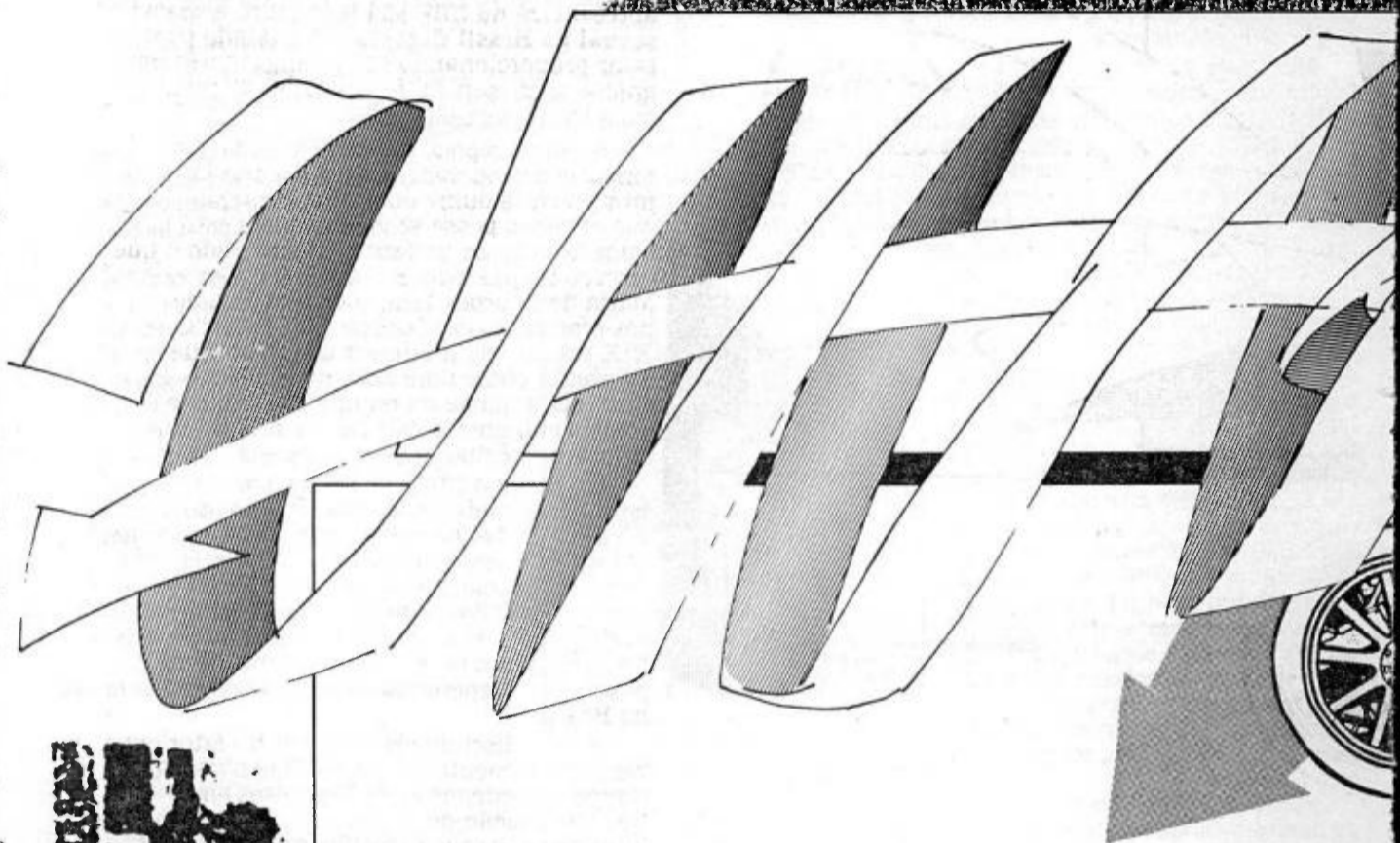
mestres e

O coordenador de pós-graduação em Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Eduardo Coutinho, diz que está havendo um número maior de teses dedicadas ao passado; e, como exemplo, menciona a que foi defendida sexta-feira passada, O perfil do leitor colonial, de Jorge Araújo. No mestrado de Letras Clássicas, multiplicam-se os estudos comparados de autores contemporâneos e de clássicos. Um mestrando, por exemplo, analisa a peça Gota d'água, de Paulo Pontes e Chico Buarque, em relação com Medéia, de Eurípedes. Estudos comparativos também estão sendo feitos no Departamento de Letras da PUC-Rio, onde há um trabalho sobre a literatura negra brasileira e a norte-americana. Na Universidade Federal Fluminense, muito influenciado pela USP, o Brasil Colônia serve de assunto a Lana Lage da Gama Lima em Atitudes do clero na Colônia e para A divina Colônia, de Luis Koshiba, um estudo sobre o poeta Gregório de Matos. No mestrado de literatura portuguesa, da UFRJ, embora

predominem pesquisas sobre autores como José Saramago, há também um deslocamento em direção a escritores africanos de expressão portuguesa.



Gregório de Matos



aprendendo

doutores, como o marxismo rígido ou ortodoxo não consegue entusiasmar mais ninguém e talvez nem mesmo na União Soviética da **perestroika** e da **glasnost**. Encerra-se também o ciclo das idéias totalizantes, no qual um método podia dar conta de um país em suas mais complexas relações. Hoje, a análise do "macro" foi substituída pela do "micro".

Estudam-se agora o negro, a mulher, gangues de bairro, grupos de rock, homossexuais. Estudam-se uma esquina e não uma cidade inteira, como se um pensamento totalizador não pudesse dar conta do que é apaixonado, verdadeiro e importante numa realidade considerada menor.

Além disto, duas tendências são marcantes: um retorno ao passado, ao Brasil Colônia ou ao século XIX; ou especificamente no caso da história, tem-se agora uma preocupação maior não com causas produzidas pela infra-estrutura econômica, mas pelas mentalidades. Na primeira, busca-se repensar as raízes da formação brasileira para se poder compreender o presente. Na segunda, volta-se ao gosto do livro bem escrito, que tenha uma organização quase romanesca e que seja atraente para o leitor.

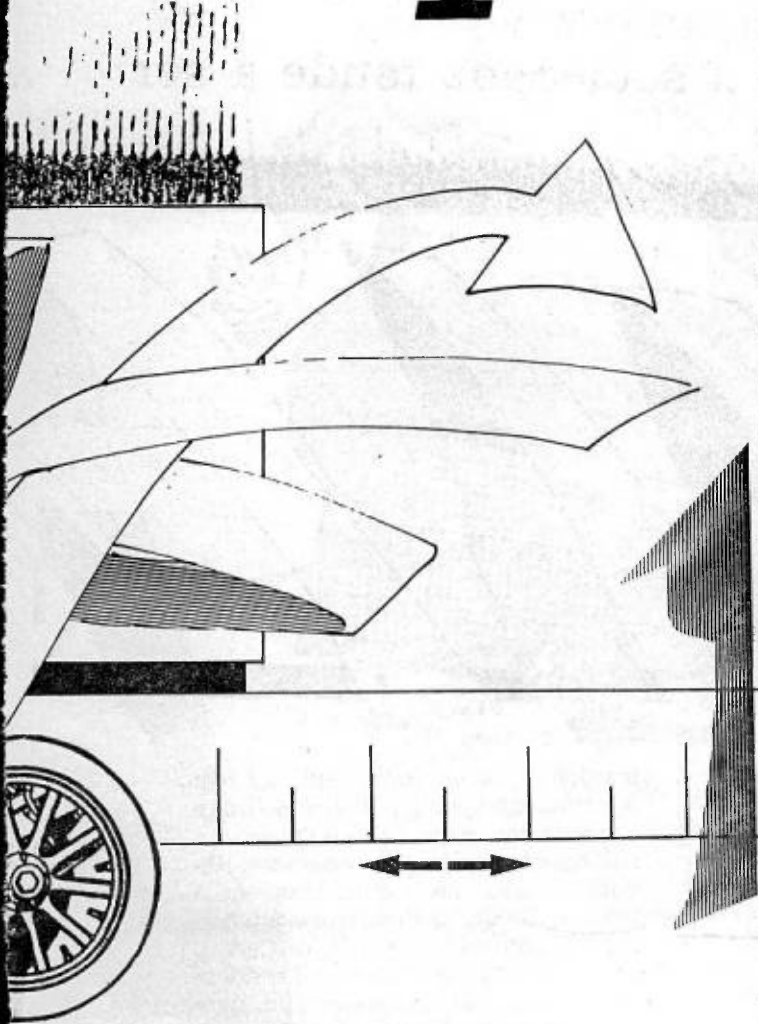
Por isso, um livro que segue essa tendência,

per capita, uma produção aquém do desejado", constata.

livrarias e ascendeu à popularidade de um **best-seller**. Outro fato significativo: a tese de doutorado de Francisco Foot Hardman, **Trem fantasma: a modernidade na selva**, comete uma série de heterodoxias, como a de o autor se preocupar em que o leitor não se chateie com um capítulo. E sua subjetividade intromete-se em inúmeras páginas. Resultado: a editora Companhia das Letras transformou a tese em livro, depois de Hardman tê-la defendido na ciosa Universidade de São Paulo. Se o estruturalismo visava mostrar que o autor era um método, a nova tendência supõe que o seu escritor possa ser um Balzac.

De resto, os estudantes brasileiros não se deparam com o dilema dos colegas franceses, que nada mais podem fazer com o seu Descartes. É possível, por exemplo, encontrar novidades em um autor como Guimarães Rosa, bastante estudado nas últimas décadas. "Ainda falta um retrato do Brasil", diz o reitor da Universidade de Brasília, que já esboça um movimento para captar a do Continente. Terça-feira passada, com uma doação da Xerox do Brasil no valor de 1 milhão e 72 mil dólares, foi inaugurada na Biblioteca Central da UnB a maior coleção de teses de doutorado sobre a América Latina. Com este acervo, a Universidade tem mais um recurso para melhorar a sua performance. "O ideal é buscarmos o padrão intelectual das universidades do primeiro mundo, com sua média anual de três trabalhos **per capita**", opina Isac Roitman, decano de pesquisa e pós-graduação. "Nossa média, este ano, foi 1,8

ões passadas



e voltar a olhar para trás”, avalia. “Ainda predominam, na verdade, os temas ligados às relações sociais, à urbanização, à agricultura, às estruturas, mas eles perdem lentamente prestígio”, diagnostica Ronaldo Vainfas, professor de História da América da Universidade Federal Fluminense, ele próprio que também partiu rumo a estações passadas e apresentará na USP sua tese sobre **A moral sexual no Brasil Colônia**. “O passado parece estar proporcionando aos pesquisadores uma análise mais segura, escorada no tempo e de mais longa duração”, observa.

A questão pode não residir no fato de os temas contemporâneos estarem esgotados. É provável que numa época de transição como a que vivemos possa-se guiar muitos estudantes à compreensão do presente, examinando o que ocorreu no passado. É o que acha, por exemplo, Maria de Lourdes Lira, coordenadora de pós-graduação de História da UFRJ. “O século XIX está sendo muito estudado, porque ele se apresenta como uma crise de transição. Para entender a queda do regime monárquico é preciso entender o Estado e buscar as suas origens no século passado”, diz ela.

Também o CNPq, que concede bolsas-de-estudo para mestrados e doutorandos, faz questão de distribuir suas verbas para temas que se combinem com datas comemorativas como a abolição da escravatura ou a proclamação da República. Há um ano, por exemplo, ele vem ajudando com suas verbas o Departamento de História da UFRJ, que pesquisa as repercussões da Revolução Francesa no Brasil.

A interdisciplinaridade é outro fator cada vez mais presente nas teses. Quem pensa que a Coppe (Coordenação de Pesquisas em Pós-Graduação de Engenharia da UFRJ) só se interessa por seus específicos assuntos, está enganado. Mantém há cinco anos uma linha de pesquisa sob a rubrica Conhecimento, Poder e Ética, que já rendeu sete trabalhos aprovados e 11 que serão defendidos este ano.

Para Roberto Bartholo Jr, coordenador da área, as duas últimas teses aprovadas no ano passado representam muito bem o campo de atuação da linha de pesquisas em curso. Uma foi sobre a atuação dos militares no processo do desenvolvimento tecnológico, com destaque para a questão da política nacional de informática, tema normal para um departamento de engenharia; e outra sobre a filosofia escolástica medieval e sua concepção de ciência. “Estas duas teses definem o leque de nossos interesses. Uma parte da questão técnica e política e suas aplicações presentes, enquanto a outra estuda os seus pressupostos metafísicos”, diz Bartholo Jr.

“Nosso interesse é o de fomentar um clima de interdisciplinaridade, com uma

variedade de pessoas e interesses no corpo docente, com uma gama igualmente rica e de diversas formações no corpo discente”, comenta Domicio Proença Jr., pesquisador da Coppe e autor do trabalho sobre os militares e a tecnologia. Assim, a Coppe aceita jornalistas, filósofos, sociólogos, e lá tanto se pode estudar o filósofo alemão Martin Heidegger quanto debruçar-se sobre a cultura islâmica, um projeto desenvolvido juntamente com o Instituto de Estudos da Religião. “Esta linha permite o

desenvolvimento de teses com temas e enfoques não convencionais”, diz Proença Jr.

Interdisciplinaridade e enfoques não tradicionais têm levado muitos historiadores a desistirem de uma concepção de história tipicamente marxista, para estudarem o cotidiano, o anônimo, o corpo, a doença ou a loucura. “O marxismo cedeu lugar às influências da psicanálise e da filosofia. O imaginário social e a libido permitem ao historiador enfrentar temas com uma postura que seria renegada em outro período. Agora, ele precisa ter paixão e criatividade”, diz José Roberto Amaral Lapa, professor de História da Unicamp. “Hoje, a história das mentalidades, dos pensamentos e das idéias, ganha mais prestígio. E os estudiosos começam a se interessar por manifestações jamais pensadas, como o odor ou a lágrima”, observa Lapa.

A história das mentalidades, que segundo Laura Mello e Souza, professora do Departamento de História da USP, tem um precursor no século passado — Hyppolite Taine — e um pai confesso — Lucien Febvre, criador, com Marc Bloch, da revista *Annales*, que modificou a história francesa — possui um grande charme literário que atrai muitos estudiosos. “O problema é que para fazê-la é preciso ter uma formação muito complexa, pois às vezes um tema nos leva a estudar desde a literatura até a teologia”, diz. Mas em relação ao estruturalismo ela apresenta uma nítida vantagem. Se tudo der certo, ela permite que um livro de História seja lido como se fosse um romance.

Participaram: José Castello e Luiz Carlos Mansur, Rio; Lina de Albuquerque e Sônia Carvalho, São Paulo; Lucia Helena Gazolla, Belo Horizonte; Tania Fusco, Brasília.

No departamento de História da Unicamp, um aluno, Paulo Miceli, resolveu ser inovador, propondo-se a estudar os sonhos dos operários. Enquanto isso, Robert Slones está investigando as famílias dos escravos brasileiros, e já chegou a algumas conclusões: os escravos não eram promiscuos, sua organização familiar era até bem rígida e inúmeros deles conseguiram ter os seus próprios escravos. Ainda na Unicamp, serão defendidas, este ano, teses sobre Antônio Cândido, Nelson Rodrigues, Gregório de Matos e o teatro anarquista. No departamento de pós-graduação em Literatura Brasileira da Universidade de São Paulo a tendência é para a compreensão do fenômeno literário nos séculos XVI e XVII. Teses sobre João Cabral de Melo Neto, Rubem Fonseca e Carlos Drummond de Andrade — autores contemporâneos — começam a se equilibrar, na preferência dos alunos, com escritores como Gregório de Matos (século XVII), Basílio da Gama (XVIII) e Euclides da Cunha, que escreveu no começo do século XX. “No apogeu do estruturalismo”, observa José Carlos Garbuglio, “havia um interesse maior em estudar os autores contemporâneos. Agora existe um equilíbrio.”



Euclides da Cunha

per capita, uma produção aquém do desejado”, constata.

Não será por falta de assunto que se deixará de alcançar a produção ideal estimada por Roitman. Rumar em direção ao passado, no Brasil, é quase o mesmo que encontrar uma estação vazia. A tese de mestrado de Lígia Belini é um retorno em busca de um assunto tabu e completamente desconhecido. Com o título **A coisa obscura**, ela apresentou na Universidade da Bahia um trabalho no qual estuda as relações entre as mulheres e o lesbianismo no Brasil Colônia.

Eduardo Coutinho, coordenador do Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, analisa esse retorno, considerando que os temas contemporâneos já estão bastante explorados. “O resultado é que há uma tendência para largar o contemporâneo

Transgressões e perplexidades

Na Universidade Federal de Minas Gerais, área de ciências humanas, estuda-se desde o psicanalista Jacques Lacan até os motivos que levam mulheres a praticar o aborto. O eu em Lacan e Deleuze é o tema que está desenvolvendo Marcos Eduardo Rocha Lima na sua tese de mestrado em Filosofia.

Em Ciências Políticas, Cândida Borges de Lemos traça o retrato da geração 80 através de uma pesquisa que pretende mostrar até que ponto o autoritarismo influenciou o comportamento e a formação das idéias e valores dos jovens hoje entre 18 a 20 anos. Na área de Sociologia, dois trabalhos estão chamando a

atenção de Laura da Veiga, coordenadora do mestrado. Uma, a de Maria Regina Magalhães, analisa a socialização da criança, através de modelos do que seja a infância. Outra, a de Eliana Stefani, com o título **A norma da maternidade, trata — sob a ótica da transgressão — de mulheres que fizeram abortos.**